

# O DESCOBRIMENTO DO BRASIL ATRAVÉS DOS TEXTOS.

(Edições críticas e comentadas).

## IV. — O “ESMERALDO DE SITU ORBIS” DE DUARTE PACHECO PEREIRA.

### 4. Manuscritos.

---

JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO

Professor de História da Civilização Ibérica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

A mais antiga referência ao manuscrito do *Esmeraldo de situ orbis* pode ver-se na *Biblioteca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado, cujo Primeiro Volume apareceu em 1741. Diogo Barbosa Machado dá o título do manuscrito, o número de Livros que o compõem e o número de Capítulos de cada Livro. Menciona também as cartas iluminadas e os desenhos que faziam parte do manuscrito original (1). Acrescenta finalmente que este manuscrito pertencia ao Marquês de Abrantes, e que D. Rodrigo da Cunha, bispo do Pôrto, possuía dele uma cópia, como mostra o Catálogo da sua Biblioteca impresso no Pôrto em 1627 (2).

No *Atlas historique et chronologique des littératures anciennes et modernes* (3), publicado de 1831 a 1835, Ferdinand Denis cita o manuscrito do *Emeraldo*, dizendo que ele é propriedade do Marquês de Abrantes. Mas, em obra posterior, *Voyageurs anciens et moder-*

- 
- (1). — Diogo Barbosa Machado indica 4 Livros: o primeiro com 33 Capítulos, o segundo com 71, o terceiro com 9, e o quarto com 6. Menciona 16 cartas e desenhos. Todas estas indicações estão certas, à excepção daquela que diz respeito ao número de Capítulos do Segundo Livro: são 11 e não 71; trata-se, sem dúvida, de uma gralha tipográfica.
  - (2). — Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, Tomo I, Lisboa, 1741, p. 741.
  - (3). — *Atlas historique et chronologique des littératures anciennes et modernes, des sciences et des arts, d'après la méthode et sur le plan de l'Atlas de A. Lesage (Comte de Las Cases) et propre à former le complément de cet ouvrage, par A. Jarry de Nancy... (avec la collaboration de F. Denis et Héreau)*, Paris, 1831-1835.

nes... (4), publicada de 1854 a 1857, menciona um manuscrito célebre da mesma obra que estava na Biblioteca de Évora.

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, no Primeiro Volume do seu *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Pública Eborense* (5), publicado em 1850, é o primeiro a assinalar que o manuscrito original do *Esmeraldo* desapareceu quando se dispersou a Biblioteca do Maquês de Abrantes. Faz saber por outro lado, que existem na Biblioteca de Évora duas cópias do manuscrito perdido. Uma com a cota Codex CXV, 1-3, composta de 100 fólhos, que reproduz o texto completo mas de que não fazem parte nem as cartas nem os desenhos que teriam acompanhado o manuscrito original. Teria como data, segundo Cunha Rivara, meados do século XVIII. A outra, com a cota Codex CXV, 1-4, não seria mais do que uma cópia da precedente. Acrescenta que este manuscrito, correspondente ao Codex CXV, 1-4, foi enviado ao *Govêrno Civil* em 4 de setembro de 1844 sob requisição do *Ministério do Reino* datada de 27 de agosto do mesmo ano, e não voltou à biblioteca.

Em 1891, Thomas Lino de Assumpção (6), na sua *Nota Preliminar* à edição do *Esmeraldo* de Raphael Eduardo de Azevedo Basto, fala-nos também da existência de duas cópias do manuscrito original: a da Biblioteca de Évora (Codex CXV, 1-3) que segundo a sua opinião teria sido feita no século XVIII, e a da Biblioteca Nacional de Lisboa que seria oriunda da Biblioteca de Évora e que seria mais recente, ainda que da mesma época.

Em 1892, Raphael Eduardo de Azevedo Basto (7), na *Notícia Preliminar* à sua edição do *Esmeraldo de situ orbis*, refere-se a estas

- 
- (4). — *Los viajeros modernos, ó Relaciones de los viajes más interesantes é instructivos que se hicieron en los siglos XV y XVI (-XVII y XVIII), con biografias, notas y indicaciones iconograficas*, por M. Eduardo Charton (con la colaboracion de F. Denis) obra ... traducida al castellano y arreglada en la parte relativa à Cristóbal Colón y Hernán Cortés, bajo la direccion de Don Mariano Urrabieta, Paris, 1860-1861, 2 Volumes, p. 264. Pode consultar-se também o trabalho em lingua francesa, de que este não é senão uma parte, que d'ele foi traduzida: *Voyageurs anciens et modernes, au choix des relations de voyages les plus intéressantes et les plus instructives depuis le cinquième siècle avant Jésus-Christ jusqu'au dix-neuvième siècle, avec biographies, notes et indications iconographiques*, par M. Edouard Charton, Paris, 1854-1857, 4 Volumes.
- (5). — *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Pública Eborense*, Lisboa, 1850, Tomo I, ps. 3-4. Ver também o artigo deste mesmo autor, no *Panorama*, nº 192, Volume 5, 1841, em que elle dá conta das duas cópias, pertencentes ainda nesta data à Biblioteca de Évora.
- (6). — Nota de Thomaz Lino de Assumpção redigida em 13 de novembro de 1891, e que precede a *Notícia Preliminar* de Raphael Eduardo de Azevedo Basto à sua edição do *Esmeraldo de situ orbis* por Duarte Pacheco Pereira publicada em 1892. Ver o título completo desta edição na nota seguinte.
- (7). — *Esmeraldo de situ orbis por Duarte Pacheco Pereira — edição comemorativa da descoberta da América por Cristovão Colombo no seu quarto centenário sob a direcção de Raphael Eduardo de Azevedo Basto*, Lisboa, 1892, *Notícia Preliminar*, ps. II-III.

duas cópias: a de Évora (Codex CXV, 1-3) e a de Lisboa (Codex B-17, 7. 1 volume. 80 fôlhas) (8). Azevedo Basto afirma que a letra da cópia de Évora é do século XVI, e acredita tratar-se do manuscrito que pertenceu a D. Rodrigo da Cunha. Está persuadido que a cópia de Lisboa, adquirida pela Biblioteca Nacional em 1867, não é outra senão aquela que era mencionada com a cota Codex CXV, 1-4, nos catálogos da Biblioteca de Évora, e pensa como Cunha Rivara que se trata de uma reprodução da precedente. Afirma que a cópia de Évora contém erros devidos a uma leitura incorreta do original, e que a de Lisboa é ainda mais cheia de erros.

Em 1903, na *Introdução* (9) da sua edição do *Esmeraldo*, Epiphany da Silva Dias menciona as mesmas cópias e retoma as indicações que sobre elas foram dadas por Barbosa Machado e Cunha Rivara. Não os segue entretanto no que diz respeito às datas. De acôrdo com a opinião de Gabriel Pereira e Pedro de Azevedo, afirma que a cópia de Évora foi feita no reinado de D. João V (primeira metade do século XVIII), e que a cópia de Lisboa, em papel da fábrica da Lousã, fundada em 1748 (Cf. Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*), remonta à segunda metade do século XVIII.

Epiphany da Silva Dias não resolve o problema da origem destas duas cópias. Para Epiphany duas hipóteses são possíveis: ou a cópia de Lisboa, a mais recente, foi feita a partir da de Évora, ou estamos em presença de duas cópias de um mesmo manuscrito, independente uma da outra. Está de acôrdo com esta segunda hipótese, e justifica a sua escôlha pelas seguintes razões: algumas linhas antes do final do Capítulo 2 do Livro I existe uma palavra que se encontra no manuscrito mais recente, mas que falta no mais antigo; a mesma coisa se passa no quarto *item* do Capítulo 8 do livro III, e no último *item* do Capítulo 4 do Livro IV; no quarto *item* do Capítulo 9 do Livro III a cópia mais antiga repete uma linha (sem que no entanto dali resulte uma incoerência gramatical), ao passo que repetição não tem lugar na mais recente; no Capítulo 3 do Livro II da cópia mais antiga, vê-se escrito bem claramente *elles*, e na mais moderna podemos ler *e Loes*; noutros passos, muitas vêzes, é a cópia mais moderna que mantém a ortografia mais antiga (10).

E Epiphany a concluir que, sendo difícil admitir que a cópia de Lisboa reproduz a de Évora, ser-nos-há necessário concluir pela

---

(8). — A cota actual é: *Fundo Geral-888*.

(9). — *Introdução* à edição do *Esmeraldo de situ orbis* por Duarte Pacheco Pereira, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1903-1904, p. 180. Esta edição foi publicada em volume, em 1905.

(10). — *Ibidem*, p. 182. No Volume de 1905, p. 5.

segunda hipótese: as duas cópias foram feitas independentemente uma da outra com base num manuscrito que não conhecemos e que continha já os êrros que encontramos nos dois textos (11).

Epiphânio afirma que êstes erros, devidos segunda a sua opinião, à negligência e à inabilidade do primeiro copista, são essencialmente os seguintes: omissão de letras (12), de sílabas (13), de palavras e mesmo de frases (14), acrescentamento de letras (15) e de palavras (16); repetição de períodos (17); transposições (18); divisão ou reunião de sílabas não justificadas (19); confusão de letras (20) e de palavras (21) que atingem o absurdo (22). Às vêzes, acumulação num mesmo lugar de erros de diversas espécies (23).

\*

Após êste breve resumo dos fatos e das apreciações feitas a proposito dos manuscritos do *Esmeraldo*, chegou o momento de expor as nossas próprias opiniões.

Depois do que foi dito sôbre os manuscritos da obra de Duarte Pacheco Pereira, três fatos nos parecem estabelecidos:

— perdeu-se o manuscrito original e autógrafo de Duarte Pacheco Pereira;

— existem apenas duas cópias tardias, uma na Biblioteca Pública e Municipal de Évora, outra na Biblioteca Nacional de Lisboa;

- (11). — *Ibidem*, ps. 182-183. No Volume de 1905, ps. 5-6.
- (12). — Prólogo (*no, oupinios, frota, manera*); Livro I, Capítulos 21, 28, 32, 33; Livro II, Capítulos 11, 19. (A indicação Capítulo 19 é certamente uma gralha tipográfica porque o Livro II tem sômente 11 Capítulos).
- (13). — Prólogo (*barbos*); Livro I, Capítulo 29; Livro II, Capítulo 4.
- (14). — Prólogo (em vários lugares do texto); Livro I, Capítulos 4, 5, 12, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 32, 33; Livro II, Prólogo, Capítulos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10; Livro III, Capítulo 3; Livro IV, Capítulo 6.
- (15). — Livro II, Capítulos 2, 3; Livro III, Capítulo 7; Livro IV, Capítulo 2.
- (16). — Prólogo; Livro I, Capítulo 2; Livro II, Capítulo 2; Livro III, Capítulo 4; Livro IV, Capítulos 1, 4.
- (17). — Livro II, Capítulo 9.
- (18). — Livro I, Capítulos 19, 28.
- (19). — Livro I, Capítulo 20; Livro III, Capítulos 2, 8; Livro IV, Capítulos 2, 3.
- (20). — Vogais orais por nasais: Livro I, Capítulos 5, 27, 28, 29; Livro II, Capítulos 3, 4; e por *a*: Prólogo; Livro I, Capítulos 2, 28, 32, 33, 47. (A indicação Capítulo 47 é certamente uma gralha tipográfica, porque o Livro I tem apenas 33 Capítulos); Livro II, Capítulos 2, 8; Livro IV, Capítulo 1: *a* por *o*: Livro I, Capítulos 3, 7, 18; e por *i*: Livro I, Capítulos 5, 8; e por *o*: Prólogo; Livro I, Capítulos 2, 12, 17, 22; *u* por *b*: Prólogo (várias vêzes); Livro I, Capítulos 5, 25, 29; Livro II, Capítulos 7, 8, 10; *b* por *u*: Livro I, Capítulos 10, 27; *h* por *d*: Livro I, Capítulos 3, 4; Livro III, Capítulo 8; *d* por *h*: Livro I, Capítulo 2; e por *d*: Livro I, Capítulos 8, 12, 16, 17, 23; *n* por *ri*: Livro I, Capítulo 3; *ri* por *u*: Livro I, Capítulo 3, etc.
- (21). — Livro I, Capítulos 2, 7, 10, 15, 16, 17 (*vidas com braços*), 31; Livro II, Capítulos 4, 5, 7, 8; Livro III, Prólogo, Capítulo 3.
- (22). — Prólogo: *cobersam, cobasam*; Livro I, Capítulo 3: *pello meero*; 4: *egecipanos*; 5: *cupucam*; 6: *estcolomia*; 7: *Cancres*; 8: *detito*; 12: *anpta*; 23: *matipolitana, daugualee*; Livro II, Capítulo 4: *abitança*; Livro III, Capítulo 1: *derriconto*.
- (23). — Prólogo; Livro I, Capítulos 1, 3; Livro II, Capítulo 3.

— a mais antiga, a de Évora, é da primeira metade do século XVIII.

A mais recente, a de Lisboa, é da segunda metade dêste mesmo século.

\*

Antes de examinar as questões relativas às origens destas duas cópias e as suas relações eventuais, parece-nos necessário dizer alguma coisa sôbre as numerosas correções que figuram na cópia de Lisboa, seja nas margens, seja entre as linhas do próprio texto. Pode supor-se que estas correções foram feitas comparando a cópia de Lisboa com um outro manuscrito da obra de Duarte Pacheco. Trata de saber-se que manuscrito é êste e quem teria sido o autor das correções.

A êste respeito, lembramos os seguintes fatos:

— a grande maioria destas correções reproduzem as variantes do manuscrito de Évora;

— Raphel Eduardo de Azevedo Basto, ao afirmar ter êle próprio corrigido a cópia de Lisboa segundo a de Évora, declara que antes dêle alguém tinha já procedido a correções (24). Efetivamente, a letra destas correções manuscritas não é sempre a mesma;

— sabe-se que em 1879 Silvestre Severiano Lapa fêz uma cópia do manuscrito de Lisboa.

Podemos assim concluir que, por um lado as correções da cópia de Lisboa foram feitas segundo a cópia de Évora, e por outro, o autor da maior parte destas correções é Raphael Eduardo de Azevedo Basto. Poderíamos atribuir a Severiano Silvestre Lapa aquelas correções que não são da mesma letra.

\*

Passemos agora às questões mais importantes:

1) que relações poderão existir entre os dois manuscritos do *Esmeraldo* que conhecemos?

2) qual a origem dêstes manuscritos?

Cunha Rivara e Raphael Eduardo de Azevedo Basto pensam que o manuscrito de Lisboa é uma cópia do manuscrito de Évora, mas não apresentam nenhum argumento em apôio desta afirmação.

(24). — Raphael Eduardo de Azevedo Basto, *Esmeraldo de situ orbis por Duarte Pacheco Pereira*, edição de 1892, *Notícia Preliminar*, p. 2.

Epiphanio da Silva Dias declara, pelo contrário, que estamos em presença de duas cópias de um mesmo manuscrito, independentes uma da outra, e esforça-se por justificar esta conclusão. Vamos ver que a sua argumentação não é nada convincente e que os fatos por êle invocados podem, bem pelo contrário, contribuir para provar que o manuscrito de Lisboa é uma cópia do manuscrito de Évora.

Epiphanio afirma que pelo final do Capítulo 2º do Livro I, encontramos no manuscrito de Lisboa uma palavra que não existe no manuscrito de Évora. Não diz qual esta palavra, mas basta comparar os passos indicados para a descobrir.

No manuscrito de Évora (f. 9), lemos:

“... e que isto creamos por uerdade, ainda nos fica por dizer em quanta parte ha terra he mayor que auguoá como soómente auguoá ocupa ha setima parte *della* segundo se mostra no quarto liuro do profeta esdras...”.

O passo correspondente do manuscrito de Lisboa (f. 6v.) é o seguinte:

“... e que isto Creamos por verdade, ahinda nos fica por dizer em quanta parte *della* ha terra he mayor que augua como soómente auguoá ocupa ha setima parte *della* segundo se mostra no quarto Liuro do profeta esdras...”.

Verificamos que a palavra *della* é empregada uma vez no manuscrito de Évora, e duas vêzes no manuscrito de Lisboa. É pois desta palavra que se trata, e é evidente que na frase

“... em quanta parte *della* ha terra he mayor que augua...”,

esta palavra está a mais.

Podemos fãcilmente explicar como esta palavra foi acrescentada se supozermos que o manuscrito de Lisboa é uma cópia do manuscrito de Évora. Nêste manuscrito a palavra *parte* aparece repetida com uma linha de intervalo, e é sòmente no segundo emprêgo que *parte* é seguida de *della*. O copista do manuscrito de Lisboa teria pois lido por inadvertência a palavra *parte* no seu segundo emprêgo, em vez de a ler no primeiro emprêgo, colocado quase por cima, e assim introduzido abusivamente a palavra *della*.

Epiphanio verifica algo de semelhante no Livro III, Capítulo 8, 4º *item*.

No manuscrito de Évora (f. 91), lemos:

“...aqui pode tomar a jente das nossas naaos augua e lenha e vacas, e carneyros, e cabras que *the* os negros venderam por basias de latam e campainhas e pano vermelho...”.

E no manuscrito de Lisboa (f. 74):

“... aqy pode tomar a jente das nossas naaos augua e Lenha e vacas e Carneyros e Cabras q. *the* os negros *the* venderam pr basias de Latam e Campainhas de pano Verm<sup>o</sup>...”.

Aqui é a palavra *the* que está incorretamente repetida, êrro que se explica se supozermos que o copista do manuscrito de Lisboa, depois de ter inicialmente transcrito corretamente o manuscrito de Évora, perdeu de vista a ordem das palavras, não habitual, do seu modelo, cedeu a um automatismo lingüístico. Introduziu um *the* no seu lugar normal, depois do sujeito, esquecendo-se de fazer desaparecer aquêle que já tinha escrito.

Epiphanio acrescenta que uma observação da mesma ordem pode ser feita se compararmos o último *item* do Capítulo 4<sup>o</sup>, Livro IV, do manuscrito de Évora com o passo correspondente do manuscrito de Lisboa.

Ora uma comparação dêstes dois passos permite-nos verificar que os têrmos são absolutamente indênticos nos dois manuscritos, e assim não podemos compreender a razão desta observação.

Epiphanio lembra a repetição duma frase no quarto *item* do Capítulo 9 do Livro III do manuscrito de Évora (f. 92) que não encontramos no manuscrito de Lisboa:

“... Bertholameu Dias que esta terra descobrio por mandado del Rey Dom Joam que Deos tem porque achou aly duas fontes de muito boa augua doce e por outro nome se chama este penedo ho Ilheo da Cruz porque o mesmo Bertholameu Dias por aly hum padram de pedra pouco mais alto que hum homem com huma Cruz em sima e este padram *de pedra pouco mais alto que hum homem com huma cruz em sima e este padram* tem tres letreiros .s. hum em latim, e outro em harabiguo, e ho outro em nossa linguaou portuguesa...”.

Eis o passo correspondente do manuscrito de Lisboa (f. 75):

“Bertholomeu Dias q. esta terra descobrio por mandado del Rey Dom Joham q. Deos tem porq. achou aly duas fontes de m.to boa augua doce e p.r outro nome se chama este penedo o do Ilheo da Cruz porq. o m.mo Bertholameu Dias por aly hu padram de pedra pouco mais alto q. hum homee com huma Cruz em sima e este padram tem tres Letreyros. S. hu em Latim, e outro em harabiguo, e o outro em nossa Linguaou portuguesa ...”.

Este fato não nos parece probatório: o copista do manuscrito de Lisboa pode muito bem ter tomado a liberdade de suprimir a repetição, perfeitamente inadmissível, do manuscrito de Évora.

Finalmente, Epiphanio faz ainda uma observação: verifica que no lugar onde se lê claramente *elles* no manuscrito de Évora (Capítulo 3, Livro II, f. 64., linha 29), o manuscrito de Lisboa dá *e Loes*. Ora, nós verificamos que podemos ler muito claramente *eloes* e que o copista do manuscrito de Lisboa copiou maquinalmente esta palavra por *e Loes*. Só êste exemplo seria suficiente para desconfirmar a tese de Epiphanio.

\*

Tentamos resolver o problema examinado tôdas as variantes dos dois manuscritos. Entre estas variantes, retivemos aquelas que nos pareceram suscetíveis de nos encaminhar a uma solução. Partindo da hipótese que o manuscrito de Lisboa é uma cópia do manuscrito de Évora, classificamos estas variantes em quatro grupos:

- 1). — palavras deslocadas pelo copista do manuscrito de Lisboa (25);
- 2). — palavras suprimidas pelo copista do manuscrito de Lisboa (26);
- 3). — palavras substituídas pelo copista do manuscrito de Lisboa (27);
- 4). — palavras acrescentadas pelo copista do manuscrito de Lisboa (28).

O estudo das variantes do primeiro grupo não nos permite chegar a nenhuma conclusão. Um só exemplo bastará para o demonstrar:

— Manuscrito de Évora:

“Item // passado ho cabo das palmas *adiante oito leguoas* estaa hum Rio...”. (Exemplo nº 1 da nota 25).

— Manuscrito de Lisboa:

“Item. Passado o Cabo das palmas *8 Leguoas adiante* estaa hum Rio...”.

Fazemos notar, entretanto, um caso particular: um deslocamento de uma palavra que podemos interpretar como uma correção feita pelo copista do manuscrito de Lisboa:

---

(25). — Ver *adiante Nota A.*

(26). — *Ibidem, Nota B.*

(27). — *Ibidem, Nota C.*

(28). — *Ibidem, Nota D.*

— Ms. Évora:  
“... e por outro nome se chama este penedo *do ho* Ilheo da Cruz...”.

— Ms. Lisboa:  
“... e pr outro nome se chama este penedo *o do* Ilheo da Cruz...”. (Ex. nº 11).

O segundo grupo de variantes não nos esclarece mais, como poderemos julgá-lo pelos seguintes exemplos:

— Ms. Évora:  
“... mesegeiro de Deos emvyado *emviado* ha este Indoto vuulguo...”. (Ex. nº 95 da nota 26).

— Ms. Lisboa:  
“... mesegeiro de Deos envyado a este Indoto Uulguo...”.

O copista teria apenas suprimido uma palavra inútil.

— Ms. Évora:  
“... e no tempo de Julho e *de* Agosto...”. (Ex. nº 30).

— Ms. Lisboa:  
“... e no tempo de Julho e Agosto...”.

Ainda neste caso, verificamos a supressão de uma palavra inútil.

— Ms. Évora:  
“... pera naquellas partes hacresentar *a* sua catjlica fee...”. (Ex. nº 10).

— Ms. Lisboa:  
“... pera naquellas ptes hacresentar sua Catolica fee...”.

Uma palavra foi suprimida, sem dúvida que por falta de atenção.

— Ms. Évora:  
“... trazem ha malagueta ha Resguatar aos nauios nas almadias em que vaaõ a pescar ao mar // *andam nuus e nom som circunsisos* e sam idolatras porque som gentios // ...”. (Ex. nº 151).

— Ms. Lisboa:  
“... trazem ha malagueta a resguatar aos nauios nas almadias em q vaão a pescar aho mar e som idolatras porq som gentios // ...”.

O copista de Lisboa teria saltado algumas palavras, o que afinal são coisas que acontecem...

As variantes do terceiro grupo são muito mais significativas. Confirmam nitidamente a hipótese segundo a qual o manuscrito de Lisboa é uma cópia do manuscrito de Évora. Entre os 437 casos

que apuramos, citemos seis exemplos que nos parecem particularmente significativos:

1º exemplo.

— Ms. Évora:

“... o qual esta na entrada dos baixos delle *aa bande* do norte // ...”. (Ex. nº 7 da nota 27).

— Ms. Lisboa:

“... o qual esta na entrada dos baixos delle *acabando* do norte...”.

Basta olhar o manuscrito de Évora para ficar convencido que o copista do manuscrito de Lisboa se enganou ao le-lo. *aa banda* está ali escrito de tal maneira que um copista apressado pode muito bem escrever *acabando*.

2º exemplo

Variante *e Loes* do manuscrito de Lisboa (Ms. Évora, Cap. 3º, Livro II, f. 64v., l. 29) que comentamos atrás:

— Ms. Évora:

“... e como o vento entom fosse calma *elles* sorgiram pellas vinte e sinco braças...”.

— Ms. Lisboa:

“... e como ho vento emtom fosse calma *e Loes* sorgirem pellas 25 braças...”.

3º exemplo.

— Ms. Évora:

“... e *ha luguares* algum tanto mais lonje he hachada esta terra...”. ((Ex. nº 247).

— Ms. Lisboa:

“... e *baluguazes* algum tanto mais Lonje he hachda esta terra...”.

No manuscrito de Évora lemos nitidamente *baluguazes*, como leu o copista do manuscrito de Lisboa. O *h* de *ha* parece-se com um *b* e não tem a mesma forma que os outros *h* do copista de Évora; o *r* de *luguares* parece-se muito mais com um *z* do que com um *r*.

4º exemplo.

— Ms. Évora:

“... e portanto parece que este he o braco que o *nilc* lança pella ethiopia inferior...”. (Ex. nº 331).

— Ms. Lisboa:

“... e portanto parece que este he o braco que *unico* Lança pella ethiopia inferior...”.

*o nilo* no manuscrito de Évora pode muito facilmente ser confundido com a palavra *unico*: o *l* tem um pouco a forma de um grande *c*.

5º exemplo.

— Ms. Évora:

“... Convem que diguamos ha deferensa que ha no correr da costa do cabo das palmas em diante porque do dito cabo pera diante se corre de huma maneira e pera tras para a costa da malagueta de outra e isto deue *olhar* qualquer piloto que nestas partes for...”.  
(Ex. nº 332).

— Ms. Lisboa:

“... (?) q diguamos ha diferença q ha no Correr da Costa do Cabo das palmas em diante porq do dº. Cabo pera diante se corre de huma maneira e pera tras pera a Costa da malagueta de outra e isto deve *obrar* qualquer piloto q nestas ptes for...”.

Na palavra *olhar* do manuscrito de Évora, o *l* parece-se com um *b*, e o *h* parece-se muito mais com um *r* do que com um *h*.

6º exemplo.

— Ms. Évora:

“... o que ho nillo corre por meo dos ethiopios trogouditas atee *uir ter* em demiata no mar do egipto...” (Ex. nº 429).

— Ms. Lisboa:

“... o q ho nillo corre pr meo dos ethiopios trogoud.as atee *Custer* em demiata no mar do egipto...”.

No manuscrito de Évora podemos facilmente ler *cus* em vez de *vir*.

Passemos finalmente ao quarto grupo de variantes. Os 123 casos de palavras acrescentadas que levantamos não têm nenhum interêsse para a resolução do problema que nos ocupa, salvo dois casos que só por si nos podem dar a prova que o manuscrito de Lisboa é seguramente uma cópia do manuscrito de Évora. Vejamos êstes dois casos:

1º exemplo.

— Ms. Évora:

“Jaz a Ilha de sam Thiaguo com ho cabo verde leste e oest...”.  
(Ex. nº 10 da nota 28).

— Ms. Lisboa:

“Jaz a Ilha de sam Thiaguo com ho cabo verde lest e oest...”.  
oest...”.

No manuscrito de Évora (f. 49v.) as duas sílabas da palavra *verde* estão separadas: a primeira está no fim da segunda linha, a outra no começo da linha seguinte. O copista do manuscrito de Lisboa leu primeiro *verde* e escreveu esta palavra imediatamente. Depois, passando à linha abaixo, transcreveu o *de* que figura à cabeça, esquecendo que era a última sílaba da palavra *verde* que acabava de escrever.

### 2º exemplo

— Ms. Évora:

“... e porquanto esta demonstrasam he arrumada e tem todos uentos e caminhos por honde se pode uer...”. (x. n.º 11).

— Ms. Lisboa:

“... e porqto esta *de* demonstrasam he arrumada e tem todos ventos e Caminhos por honde se pode uer...”.

No manuscrito de Évora (f. 49v.), a palavra *demonstrasam* é a primeira da quinta linha. O copista do manuscrito de Lisboa (f. 41v., l. 7) chegando ao fim da linha, teve ainda bastante espaço para escrever a primeira sílaba, *de*. Mas pasando à linha seguinte, esqueceu o *de* que acabava de escrever e transcreveu a palavra *demonstrasam* por inteiro.

Se os outros casos de palavras acrescentadas não podem ser apresentados em apóio da nossa tese, pelo menos não a desconfirmam, como poderemos julgar por uma série de exemplos que nos parecem representativos:

1). — caso em que o copista do manuscrito de Lisboa procura resolver um problema de contracção:

— Ms. Évora:

“... e de toda parte he cingida pello mar...”. (Ex. n.º 1 da nota 28).

— Ms. Lisboa:

“... e de toda a parte he cingida pello mar”.

2). — caso em que o copista do manuscrito de Lisboa moderniza a língua:

— Ms. Évora:

“... em totalas viagens...”. (Ex. n.º 4).

- Ms. Lisboa:  
“... em todas as viagens...”.

3). — caso em que o copista do manuscrito de Lisboa acrescenta um artigo que falta numa enumeração:

- Ms. Évora:  
“... e feyta a conta e soma de tudo se tirara de nouenta...”.  
(Ex. nº 2).
- Ms. Lisboa:  
“... e feyta a conta e a soma de tudo se tirara de nouenta...”.

4). — casos em que o copista do manuscrito de Lisboa acrescenta uma preposição *e*, muitas vêzes omitida no manuscrito de Évora:

- Ms. Évora:  
“... mil quatrocentos...”. (Ex. nº 15).
- Ms. Lisboa:  
“... mil *e* quatrocentos...”.
- Ms. Évora:  
“... e este modo tem em seu Comercio *e* asy nos escauos como nas outras mercadorias...”. (Ex. nº 92).
- Ms. Lisboa:  
“... e este modo tem em seu Comercio *e* asy nos escauos como nas outras mercadorias...”.

Entre os casos dêste gênero um existe em que o copista do manuscrito de Lisboa se engana:

- Ms. Évora:  
“... teem as ditas vinte e sinco leguoas na Roota e esta angra de santo Amaro...”. (Ex. nº 99).
- Ms. Lisboa:  
“... teem as d.as 25 Leguoas na Roota e *e* esta angra de Sto Amaro...”.

O primeiro *e* é a palavra final do f. 69v. do manuscrito de Lisboa, e o segundo *e* é a primeira palavra do fólio seguinte (70). Muito provavelmente o copista esqueceu que tinha já escrito o *e* na página precedente.

Existe também um exemplo em que o copista do manuscrito de Lisboa acrescenta um *he* de maneira inexplicável:

— Ms. Évora:

“... porque della ha dous tyros de pedra esta huma baixa muito maa em que quebra o mar e de dentro della podem pouzar os nauios em fronte de huma mesquita...”. (Ex. nº 107).

— Ms. Lisboa:

“... porque dela ha dous tyros de pedra esta huma baixa muito maa em que quebra ho mar e *he* de dentro della pod<sup>m</sup> pouzar os nauios em fronte de huma mesquita...”.

5). — casos em que o copista do manuscrito de Lisboa acrescenta uma palavra para tornar o texto mais claro:

— Ms. Évora:

“... esta angra de santo Amaro se aparta em ladeza da equinocial...”. (Ex. nº 109).

— Ms. Lisboa:

“... esta angra de santo Amaro se aparta em ladeza da *Linha* equinosial...”.

6). — caso em que o copista do manuscrito de Lisboa faz erros que corrige depois:

— Ms. Évora:

“... e de monte negro atee qui se corre a costa nordest e su-  
duest e tem as ditas oyto leguoas na Roota e toda esta terra ao  
longuo do mar he baixa // ...”. (Ex: nº 7).

— Ms. Lisboa:

“... e de monte negro atee quy se corre a costa nordest e su-  
duest e tem as d.as oyto Leguoas na Roota e toda esta *Costa digo*  
terra ao Longuo do mar he baixa // ...”.

O copista do manuscrito de Lisboa foi influenciado pela palavra *Costa* que se pode ver uma linha acima no manuscrito de Évora. Desta vez apercebeu-se imediatamente disso e corrigiu acrescentando *digo terra*. Mas muitas outras vêzes não se apercebe e não faz a correção, ainda que o mecanismo do êrro seja o mesmo. Podemos mencionar alguns exemplos que nos parecem característicos dêste gênero de erros:

— Ms. Évora:

“Item // tanto que homem passa ha terra alta em que o cabo das Redes estaa daly em diante se faz huma terra muito baixa e tudo praya ao longuo do mar e no certaaõ sinco leguoas na terra chaã parese hum monte soo ao qual chamamos hò pam da não...”. (Ex. nº 5).

— Ms. Lisboa:

“Item // tanto que homee passa a terra alta em que no Cabo das Redes estaa daly em diante se faz huma terra muito baixa e tudo praya ao Longuo do mar e no Certaão sinco Leguoas na terra cham parese hum monte *alto* Soo ao qual chamamos ho pan da não...”.

A palavra *alto* acrescenta pelo copista do manuscrito de Lisboa pode explicar-se pela influência da expressão *terra alta*, que se vê no manuscrito de Évora quatro linhas acima.

— Ms. Évora:

“... è este cabo de santa Anna he terra m.to baixa e tem tres Ilheos na ponta e ha terra por dentro da furna he cortado de um braso de mar que vay ter ao Rio das palmas...”. (Ex. nº 6).

— Ms. Lisboa:

“... e este Cabo de S.ta Anna he terra m.to baixa e tem 3 Ilheos na ponta e ha terra p.r dentro da furna he cortado de hum braço de mar q vay ter ao *Cabo* Rio das palmas...”.

A palavra *cabo* acrescentada pelo copista do manuscrito de Lisboa explica-se pelo fato de que no manuscrito de Évora pode ler-se três linhas acima: *cabo de santa anna*.

— Ms. Évora:

“... e que isto creamos por uerdade, ainda nos fica por dizer em quanta parte ha terra he mayor que auguoas como soómente auguoas ocupa ha setima parte *della* segundo se mostra no quarto liuro do profeta esdras...”. (Ex. nº 13).

— Ms. Lisboa:

“... e que isto Creamos por uerdade, ahinda nos fica por dizer em quanta parte *della* ha terra he mayor que augua como soómente auguoas ocupa ha setima parte *della* segundo se mostra no quarto Liuro do profeta esdras...”.

Para o caso da palavra *della* (Ms. Lisboa, f. 6v) reenviamos às nossas críticas à argumentação de Epiphanio.

— Ms. Évora:

“... e daly a boca do estreito de cepta som sincoenta leguoas...”. (Ex. nº 14).

— Ms. Lisboa:

“... e daly a boca do *do* estreito de Cepta som sincoenta Leguoas...”.

A repetição da palavra *do* é manifestamente um êrro de falta de atenção.

— Ms. Évora:

“... e vacas, e carneyros, e cabras que lhe os negros venderam...”. (Ex. nº 108).

— Ms. Lisboa:

“... e vacas e Carneyros e Cabras q. lhe os negros *lhe* venderam...”.

Para êste caso, ver as críticas à argumentação de Epiphanio.

— Ms. Évora:

“... huma angra pequena toda cercada de arvoredo a qual tem na boca huma Ilha muito pequena baixa a que chamom a Ilha do Corrisco...”. (Ex. nº 111).

— Ms. Lisboa:

“... huma angra pequena toda cercada de arvoredo a qual tem na boca huma Ilha m.to pequena *na* baixa a q. chamom ha Ilha do Corisco...”.

Mais uma vez o copista retomou a palavra *na* da linha anterior.

— Ms. Évora:

“... e asy que ora vossa alteza descobrio e nouamente soube // ...”. (Ex. nº 116).

— Ms. Lisboa:

“... e asy que ora Vossa alteza descobrio e *ora* nouamente soube // ...”.

Ainda nêste caso o copista do manuscrito de Lisboa retomou a palavra *ora* que no manuscrito de Évora vemos na linha acima.

— Ms. Évora:

“... e quando por isto nom for conhesida veja se os graaos da ladeza em que se topar quer sejam alem da equinosial quer quem se som conformes asy do lugar em que estiuer como daquella em cuja busca for sendo ho graao todo hum...”. (Ex. nº 119).

— Ms. Lisboa:

“... e q.do por isto nom for conhecida veja se os graaos da Ladeza em q. se topar quer sejam alem da equinosial quer quem se Som conformes asy do Lugar em q estiuer como daquella em q Cuja busca for sendo ho graao todo hum...”.

Aqui o copista do manuscrito de Lisboa retomou o *q* que acabava de transcrever.

Depois desta série de observações, lembremos que Epiphanio da Silva Dias escreveu na *Introdução* da sua edição crítica:

“é a cópia mais moderna que mantém a ortografia mais antiga”.

Mas Epiphanio não justifica esta afirmação. Levantamos 3448 variantes ortográficas que não justificam de modo algum a conclusão de Epiphanio.

Podemos dizer, para concluir, que o estudo das variantes dos dois manuscritos confirma a hipótese que avançamos inicialmente, criticando a argumentação de Epiphanio: o manuscrito de Lisboa é indiscutivelmente uma cópia do manuscrito de Évora.

\*

Se compararmos os dois manuscritos do *Esmeraldo*, somos levados à conclusão que o de Évora tem 100 fólios correspondentes a 199 páginas, ao passo que o de Lisboa não tem mais do que 80 fólios e 160 páginas. Algumas razões existem para que assim seja:

1). — Ainda que no manuscrito de Évora o número de linhas por página seja mais elevado que no manuscrito de Lisboa, neste último as linhas são mais longas e a letra é mais pequena, sendo ainda os espaços menores;

2). — Muitos dados numéricos dados por extenso no manuscrito de Évora são dados em números árabes no manuscrito de Lisboa (29);

3). — Há no manuscrito de Lisboa 2.696 abreviaturas que não existem no manuscrito de Évora.

(*Continua*).

---

(29). — Manuscrito de Évora: Algarismos árabes — 517 — 24,5%; Números romanos, ou luso-romanos, ou peninsulares — 6 — 0,3%; Por extenso — 1.587 — 75,2%. Manuscrito de Lisboa: Algarismos árabes — 1.144 — 54,2%; Números romanos, ou luso-romanos, ou peninsulares — 12 — 0,6%; Por extenso — 954 — 45,2%. Ver o nosso estudo: *Sur l'introduction et la diffusion des chiffres arabes au Portugal*, in *Bulletin des Études Portugaises...*, Tome XX, 1958.